



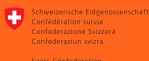
**ACP** OBSERVATORY ON MIGRATION  
OBSERVATOIRE ACP SUR LES MIGRATIONS  
OBSERVATÓRIO ACP DAS MIGRAÇÕES

# Migração extraregional Sul-Sul: *Um resumo das tendências emergentes*



*Uma iniciativa do Secretariado ACP,  
financiada pela União Europeia,*

*implementada pela IOM e com o apoio financeiro da Suíça,  
da OIM, do Fundo da OIM para o Desenvolvimento e do UNFPA*



**IOM Development Fund**  
Developing Capacities in  
Migration Management



## Nota de informação

**ACPOBS/2012/NI08**

# 2012

## **Observatório ACP das Migrações**

O Observatório ACP das Migrações é uma iniciativa do Secretariado do Grupo dos Estados da África, das Caraíbas e do Pacífico (ACP), financiada pela União Europeia, implementada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) num consórcio com 15 parceiros e com o apoio financeiro da Suíça, da OIM, do Fundo da OIM para o Desenvolvimento e do UNFPA. Fundado em 2010, o Observatório ACP é uma instituição concebida para produzir dados relativos à migração Sul-Sul no Grupo dos Estados ACP para migrantes, para a sociedade civil e para os decisores políticos, bem como para aperfeiçoar as capacidades de investigação nos países ACP para a melhoria da situação dos migrantes e o fortalecimento da relação migração-desenvolvimento.

O Observatório foi fundado para facilitar a criação de uma rede de instituições de investigação e de especialistas na investigação da migração. As actividades estão a iniciar-se em 12 países piloto e serão progressivamente alargadas a outros países ACP interessados. Os 12 países piloto são: Angola, Camarões, Haiti, Quénia, Lesoto, Nigéria, Papua-Nova Guiné, a República Democrática do Congo, a República Unida da Tanzânia, Senegal, Timor-Leste, e Trindade e Tobago.

O Observatório deu início a actividades de investigação e de criação de capacidades relativamente à migração Sul-Sul e ao desenvolvimento. Através destas actividades, o Observatório ACP pretende abordar muitas questões que assumem uma importância cada vez maior para o Grupo ACP no âmbito da relação migração-desenvolvimento. É possível aceder e transferir gratuitamente documentos e outros dados de investigação, bem como manuais de desenvolvimento de capacidades através da página web do Observatório ([www.acpmigration-obs.org](http://www.acpmigration-obs.org)). Outras publicações e informações futuras sobre as actividades do Observatório serão publicadas on-line.

© 2012 Organização Internacional para as Migrações (OIM)

© 2012 Observatório ACP das Migrações

Documento elaborado por Livia Manente, Assistente de Estudos, Observatório ACP das Migrações. Esta publicação foi produzida com a assistência financeira da União Europeia. O conteúdo desta publicação é da inteira responsabilidade do Observatório ACP das Migrações e não pode em caso algum ser considerado como reflectindo a posição do Secretariado do Grupo dos Estados de África, Caraíbas e Pacífico (ACP), da União Europeia, da Organização Internacional para as Migrações (OIM) e dos outros membros do consórcio do Observatório ACP das Migrações, da Confederação Suíça ou do UNFPA.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser extraída, reproduzida, traduzida ou utilizada em qualquer formato ou em qualquer meio, eletrónico, mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou qualquer outro meio, sem o prévio consentimento por escrito do editor.



**ACP** OBSERVATORY ON MIGRATION  
OBSERVATOIRE ACP SUR LES MIGRATIONS  
OBSERVATÓRIO ACP DAS MIGRAÇÕES

# **Migração extraregional Sul-Sul:**

## ***Um resumo das tendências emergentes***



Frequentemente, a migração internacional do Sul para outras regiões<sup>1</sup> é apenas caracterizada como deslocações Sul-Norte (ou de baixos rendimentos para rendimentos elevados) (De Haas, 2007; Minvielle, 2010). A realidade é muito mais complexa e **estão a surgir, em ritmo acelerado, novos e atípicos corredores de migração extraregional entre as regiões do Sul.**

Esta Nota de informação tem por objectivo apresentar uma descrição geral dos principais padrões e corredores de migração extraregional Sul-Sul actuais.<sup>2</sup> Disponibilizando alguns dados sobre as actuais tendências de migração extraregional, o documento destaca em seguida as eventuais implicações dos movimentos extraregionais, através da análise dos poucos exemplos de mobilidade disponíveis, nomeadamente entre a América Latina e as Caraíbas, África e a Ásia.<sup>3</sup> Por fim, são indicadas algumas recomendações e boas práticas tanto ao nível da investigação como das políticas.

Calcula-se que **aproximadamente metade de todos os migrantes oriundos de países do Sul resida noutro país em desenvolvimento.** A ONU calcula que o número de migrantes Sul-Sul atinja os 73 milhões de pessoas (ONU DAES, 2012). No entanto, é provável que este número seja mais alto, tendo em conta a falta geral de dados sobre a migração em países em desenvolvimento e o facto de os dados oficiais geralmente subestimarem o número de migrantes irregulares. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 do PNUD, cerca de **200 milhões de migrantes internacionais estão a deslocar-se ao longo das linhas dos corredores de migração**

**O termo migração extraregional foi comumente adoptado (OIM, OEA). Também se poderá referir migração extracontinental (FLACSO, ACNUR), inter-regional (CEPAL) ou intercontinental.**

- 1 Neste documento, o termo 'região' é utilizado de acordo com a classificação da ONU de 'Regiões geográficas do mundo', como África, América, Ásia, Europa e Oceânia (Divisão de Estatística das Nações Unidas), <http://unstats.un.org/unsd/methods/m49/m49regin.htm>.
- 2 O Observatório ACP das Migrações adoptou uma abordagem em termos de desenvolvimento humano para estudar a migração Sul-Sul e as questões relacionadas com o desenvolvimento, sendo adoptada a definição de 'Sul' do PNUD. É de salientar que este documento não tem em consideração as migrações da Ásia e de África para os países do Médio Oriente e do Golfo; serão contudo efectuadas várias referências à Argentina, embora este país não devesse ser classificado como 'Sul' de acordo com a definição do PNUD.
- 3 No entanto, é de ter em conta que deverão existir mais corredores emergentes de migração extraregional Sul-Sul, embora não tenham sido estudados. Existem, por exemplo, provas empíricas de migração laboral do Brasil para os países africanos lusófonos inseridos em empresas brasileiras que operam em África. Consultar, por exemplo <http://www.nytimes.com/2012/08/08/world/americas/brazil-gains-in-reaching-out-to-africa.html?smid=fb>.

**Sul-Sul**, um valor praticamente idêntico ao de 2010 para todos os migrantes internacionais (Ratha e Shaw, 2007; PNUD, 2009). **A migração Sul-Sul é esmagadoramente intra-regional** e, em comparação, a mobilidade extraregional é relativamente pouca. No entanto, **a migração extraregional representa uma tendência importante que tem de ser considerada**.

É possível encontrar vários exemplos de migração extraregional Sul-Sul nos séculos XIX e XX, sobretudo relacionados com as ligações coloniais e pós-coloniais. Por exemplo, no âmbito do domínio colonial britânico, houve pessoas de etnia indiana que estabeleceram comunidades tanto nas Caraíbas como em África, que acolhem actualmente 13% das diásporas indianas (Naujkos, 2009). Assim, **os laços (pós-) coloniais, linguísticos e culturais sempre foram um elemento-chave da mobilidade extraregional**, como demonstrado, por exemplo, pelas provas empíricas de refugiados angolanos e moçambicanos no Brasil (Tourinho Baptista, 2008; Baeninger e Guimarães Peres, 2011).

Contudo, **nas últimas décadas, desenvolveram-se vários factores que influenciaram e alteraram profundamente os padrões da migração extraregional Sul-Sul**. A migração extraregional Sul-Sul é frequentemente impulsionada pelo desenvolvimento económico baseado no petróleo, comonocasos dos países do Golfo, ou está relacionada com as economias emergentes de países do Sul, como no caso dos países BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), cujos mercados laborais em expansão atraem cada vez mais migrantes internacionais. O aumento da cooperação Sul-Sul está ainda a criar novas ligações entre países em desenvolvimento que, na maior parte dos casos, estão geográfica e culturalmente distantes. Por fim, também se considera que a adopção de políticas migratórias restritivas e/ou o reforço do controlo das fronteiras nos países ocidentais sejam factores que influenciem o aumento da mobilidade extraregional Sul-Sul (CEAM-OEA, 2010a). Existe muito pouca documentação sobre a matéria e, na maior parte dos casos, centra-se em casos muito específicos. Assim, **seria necessária uma análise deste fenómeno a um nível mais global, tanto para fins de investigação como de formulação de políticas**.

**Os laços (pós-) coloniais, linguísticos e culturais sempre foram um elemento-chave da mobilidade extra-regional. Contudo, nas últimas décadas, desenvolveram-se vários factores que influenciaram e alteraram profundamente os padrões da migração extra-regional Sul-Sul.**

## 1. Migração extra-regional no Sul: o caso da China e da África Subsariana

Nos últimos anos, a **República Popular da China** tem sido não só o país de origem de um grande número de migrantes<sup>4</sup> internacionais no mundo, mas, cada vez mais, um **destino para os migrantes laborais**, incluindo os africanos subsarianos. Os principais factores por trás deste fenómeno migratório são o contínuo crescimento económico da China e as suas crescentes ligações políticas e diplomáticas aos países africanos. Neste contexto, os migrantes parecem desempenhar um **papel fundamental no emergente sistema comercial sino-africano** (Fowale, 2008; Skeldon, 2011; Østbø Haugen, 2012).

### Migração chinesa para África

O contexto da migração chinesa para África assenta nas **ligações diplomáticas e comerciais sino-africanas**, que culminaram no Fórum de Cooperação China-África, em 2006. Este acordo estabeleceu a base para uma **onda de migração económica da China para África**, embora seja de salientar que, apesar de o número de chineses em África estar a aumentar, o continente africano é o que tem as taxas de imigração chinesa mais baixas (Mohan e Tan-Mullins, 2009).

**Os dados relativos à extensão deste fenómeno são extremamente reduzidos**, não havendo números conclusivos<sup>5</sup>; por um lado, a recolha de dados da população africana é muitíssimo diminuta e, por outro, os dados das estatísticas chinesas são frequentemente especulativos (ibid.). Poderá presumir-se que **o número de pessoas de etnia**

**É provável que o número de pessoas de etnia chinesa em África se situe entre 270.000 e 510.000**  
(Ma Mung, 2009; Skeldon, 2011)

4 Em 2010, o Banco Mundial classificou a China como o quarto maior país de emigração, com 8,3 milhões de pessoas nascidas na China a viver fora do país, incluindo 3 milhões em Macau e em Hong Kong (Skeldon, 2011).

5 Em 2007, a base de dados global sobre a origem dos migrantes da University of Sussex calculava que o número de migrantes chineses em África fosse de 48.692 pessoas, mas outros estudos apontam para números muito mais elevados, o que faz com que seja difícil determinar a magnitude exacta do fenómeno. Por exemplo, enquanto as autoridades chinesas calculavam que houvesse 78.000 chineses a trabalhar em África em 2007, outras fontes, como a agência noticiosa oficial chinesa Xinhua, consideravam que o número total de chineses em África era de 750.000 (Mohan e Kale, 2007; Politzer, 2008).

**chinesa em África se situe entre 270.000 e 510.000** (Ma Mung, 2009; Skeldon, 2011), ao passo que outros estudos afirmam que a diáspora chinesa em África ascende, pelo menos, a 500.000 pessoas, incluindo as segundas gerações (CEDEAO-CSAO/OCDE, 2006; Mohan e Kale, 2007).

**A migração chinesa para África é essencialmente económica** (Mohan e Kale, 2007) e o seu rápido crescimento está associado ao grande aumento dos investimentos directos estrangeiros (IDE) chineses no continente africano. Os **principais países de destino são os que dispõem de recursos petrolíferos abundantes**, como a Nigéria e o Sudão, mas também foi referida a existência de comunidades chinesas consideráveis e de longa data na África do Sul, no Lesoto, na Maurícia, na Reunião e em Madagáscar (Mohan e Tan-Mullins, 2009).

Os migrantes chineses em África podem ser grosseiramente divididos em quatro categorias<sup>6</sup> diferentes, de acordo com o perfil e o projecto de migração (Politzer, 2008):

### **Migrantes laborais temporários**

A oportunidade de trabalhar para empresas chinesas a operar em África é o principal motivo que leva os cidadãos chineses a migrar para o continente. De acordo com fontes governamentais chinesas, existem actualmente mais de 800 empresas chinesas a operar em 49 países africanos, nos sectores das infra-estruturas, da engenharia, da construção civil, das obras públicas, petrolífero e mineiro (Politzer, 2008). De um modo geral, estas empresas trazem **mão-de-obra barata e pouco qualificada directamente da China por um determinado período**. Os trabalhadores temporários são contratados através de dois canais diferentes: ou são contratados por empresas oficialmente autorizadas a enviar trabalhadores para o estrangeiro ou são recrutados de forma semi-ilegal por agências especializadas que celebram acordos com empresas de produção com participação chinesa em África. Estas agências cobram taxas elevadas aos trabalhadores migrantes, por vezes equivalentes a um ano de salário, e enganam-nos frequentemente em relação ao salário e aos benefícios. Os migrantes são ainda muitas vezes recrutados por agências de viagens ilegais, que lhes arranjam um visto turístico e lhes prometem trabalho numa fábrica inexistente de que estes só se apercebem já em África (Gong, 2007).

---

<sup>6</sup> Estas categorias devem ser consideradas como uma indicação aproximativa, pois os migrantes podem pertencer a mais do que uma tipologia ou passarem de uma para outra durante a sua permanência.



### Empreendedores

O empreendedorismo é uma característica típica da migração chinesa e **os migrantes apoiados pelo Estado a trabalhar como pequenos empresários também são uma presença crescente** em África (Tsihibambe, 2010, citando Ma Mung, 2009). Geralmente trabalham no comércio, nos serviços (por exemplo, em restaurantes e lojas de roupa) e na indústria ligeira. Estes empresários tanto vêm da China como de outras comunidades de migrantes chineses na Europa (nomeadamente Itália, França e Espanha). Têm tendência a adoptar estilos de vida bastante frugais e a estabelecer-se numa determinada parte das cidades africanas, oferecendo os seus serviços à população local e se calhar lançando as bases para futuras *chinatowns* (Politzer, 2008). Relativamente ao sector da engenharia e da construção civil, a utilização de mão-de-obra africana é extremamente rara e o padrão típico consiste em **trabalhadores chineses do sexo masculino que emigram sozinhos, a que mais tarde se juntam os respectivos familiares, consoante as necessidades de mão-de-obra**. Nalguns casos, os empresários chineses contratam os seus trabalhadores entre os imigrantes chineses semi-ilegais acima referidos (Mohan e Tan-Mullins, 2009).

### Migrantes em trânsito

A África também se está a tornar num novo corredor de migração para os migrantes asiáticos, em geral a caminho dos países ocidentais (Liberti, 2008). Estes migrantes tendem a usar os países africanos como localizações temporárias para a etapa seguinte das suas jornadas: ou juntando dinheiro e arranjando documentação legal para entrar na América do Norte ou na Europa ou juntando-se ao corredor de migração transmediterrânico para o Sul da Europa. **De um modo geral, os migrantes asiáticos entram legalmente nos países africanos com um visto turístico ou de negócios e, depois, permanecem além do tempo permitido**. Devido ao seu estatuto informal, é muito difícil fazer uma estimativa do número total de migrantes asiáticos em trânsito, nomeadamente chineses. (Politzer, 2008).

### Trabalhadores agrícolas

Embora não havendo números oficiais sobre este fenómeno, verificou-se que **um número crescente de trabalhadores da China rural** se está também a deslocar para África. Num discurso de 2007, o presidente do Export-Import Bank da China, Li Ruogu, exortou os agricultores chineses forçados a abandonar as suas terras devido ao aumento da urbanização a emigrar para África, para

que pusessem em prática as suas competências agrícolas e se tornassem proprietários (Chen, 2007). O banco também se comprometeu a apoiar a migração rural chinesa para África com investimentos e o desenvolvimento de projectos (Bristow, 2007).

### Migração de África para a China

**Actualmente, há mais de 20.000 africanos a viver no Sul da China, mas não existe muita investigação académica ou empírica sobre o assunto** (Politzer, 2008; Skeldon, 2011)

A migração Sul-Sul para a China é essencialmente intra-regional, com um grande número de migrantes (tanto regulares como irregulares) a deslocar-se para o país provenientes do Vietname, da península coreana e de outros países do sudeste asiático. Contudo, a China também tem **imigração proveniente de outras áreas em que tem desenvolvido interesses políticos e económicos**. Registou-se, em especial, um número crescente de migrantes africanos na China, como resultado do crescente envolvimento chinês em África. De facto, **a China é actualmente considerada o primeiro país asiático em termos de envio de remessas para África** (OIM, 2009). Considera-se que **haverá mais de 20.000 africanos a viver actualmente no Sul da China**, mas não existe muita investigação académica ou empírica sobre o assunto<sup>7</sup> (Politzer, 2008; Skeldon, 2011).

A principal cidade de destino para a imigração da África Subsariana é Guangzhou, uma importante plataforma comercial internacional no Sul da China. Os migrantes africanos na China são provenientes de diversos países. É necessário referir os Camarões, a Costa do Marfim, a Gâmbia, o Gana, a Guiné, o Mali, a República Democrática do Congo, o Senegal e a Tanzânia, mas **a maior comunidade africana na China parece ser oriunda da Nigéria** (Coloma, 2010; Bodomo, 2010; Skeldon, 2011; Østbø Haugen, 2012).

---

7 De acordo com a versão de 2007 da base de dados global sobre a origem dos migrantes da University of Sussex, em 2000/2004 viviam apenas 3.078 cidadãos africanos na China. Tamanha disparidade entre os dados deve-se provavelmente ao facto de a versão de 2007 da base de dados não conter elementos sobre a China, como referido no sítio Web do Migrating out of Poverty Research Programme Consortium (Consórcio para o Programa de Investigação “Migrar para Sair da Pobreza”), [http://www.migrationdrc.org/research/typesofmigration/global\\_migrant\\_origin\\_database.html](http://www.migrationdrc.org/research/typesofmigration/global_migrant_origin_database.html).

É difícil encontrar estimativas rigorosas sobre o número de africanos a viver na China e as estatísticas oficiais não estão disponíveis. Considerou-se que, em 2006, viviam 10.000 africanos só na cidade de Guangzhou, embora de acordo com outras estimativas haja mais de 20.000 africanos a viver na cidade (Li et al, 2009 in Østbø Haugen, 2012). Contudo, estes dados estão longe de ser fiáveis. Uma reportagem do *Guangzhou Daily*, por exemplo, considerou que o número de africanos na cidade ascendia a 100.000, afirmando que o número de migrantes africanos tem vindo a aumentar a uma taxa anual de 30% ou 40% desde 2003 (Politzer, 2008). De acordo com os meios de comunicação estatais chineses, em 2008 residiam 130.000 africanos em Guangzhou (Sautman, 2006; Østbø Haugen, 2012).

É possível distinguir quatro tipologias principais de migrantes africanos na China<sup>8</sup>, consoante os motivos de migração: (Fowale, 2008; Politzer, 2008).

### **Empresários**

Ao que parece, a maioria dos migrantes africanos na China são comerciantes. Os empresários não costumam permanecer durante muito tempo no país e a sua presença tem como objectivo a compra de produtos chineses baratos que possam revender em África ou o estabelecimento de trocas comerciais extraregionais de matérias-primas como o petróleo e os minerais (Fowale, 2008; Politzer, 2008).

### **Estudantes**

O programa chinês de apoio ao desenvolvimento estrangeiro para África também inclui bolsas de estudo estatais para universidades chinesas. Esta categoria está a tornar-se um grupo migrante extraregional considerável e os cidadãos africanos representam 2,3% do número total de estudantes inscritos em universidades chinesas. Em 2006, por exemplo, quase 4.000 estudantes africanos frequentaram as universidades chinesas, 40% mais do que no ano anterior, de acordo com o Ministério da Educação chinês (Fowale, 2008; Politzer, 2008).

<sup>8</sup> É de salientar que, no caso dos migrantes chineses em África, essas categorias não são estáticas.

## Professores de Inglês

Nos últimos anos, a procura crescente de aulas de Inglês criou oportunidades de emprego para os africanos anglófonos, que se juntaram ao grupo de professores americanos, canadianos, europeus e australianos expatriados na China.

## Trabalhadores informais

Existe uma quarta categoria representada por um grupo heterogéneo de migrantes que acabam a trabalhar no sector informal. Há também um número crescente de migrantes irregulares a trabalhar no sector terciário, prestando serviços de limpeza, de entregas de comida caseira ao domicílio ou como guias e agentes de empresários africanos (Østbø Haugen, 2012).

**A maior comunidade africana na China é a nigeriana. Os migrantes africanos na China são essencialmente do sexo masculino, mas também foi detectada a presença de mulheres nigerianas e camaronesas.**  
(Østbø Haugen, 2012)

Os migrantes africanos também podem passar de um grupo para outro. No que se refere ao equilíbrio entre os sexos, as provas empíricas sugerem que **os migrantes africanos na China são essencialmente do sexo masculino**, ainda que tenha sido detectada a presença de mulheres nigerianas e camaronesas. Costuma haver mais mulheres entre os estudantes e os vendedores ambulantes do que entre os migrantes indocumentados (Østbø Haugen, 2012).

Os africanos entram legalmente na China com um visto turístico ou de negócios, por vezes obtido com a ajuda de agentes que chegam a cobrar USD 2.000, mas, com a actual lei de imigração chinesa, o principal problema dos africanos é a obtenção da prorrogação dos vistos de trabalho. A investigação empírica indicou que, de um modo geral, os migrantes africanos consideram a China a segunda melhor opção no seu projecto migratório. Atraídos pela relativa facilidade de entrada, **muitos africanos admitem considerar a China como um posto avançado no caminho para outros destinos**, como o Japão, a Europa, os Estados Unidos e a Austrália. Na maior parte dos casos, os migrantes africanos têm **poucas informações sobre a China ao deixarem o seu país de origem**. São muito comuns as informações incorrectas sobre a geografia chinesa e sobre as dificuldades de obtenção de emprego (ibid.).

Os migrantes africanos na China enfrentam diversas formas de **discriminação, exclusão social e racismo** como, por exemplo, diferenças salariais ou nas regalias em comparação com os trabalhadores ocidentais ou asiáticos (Fowale, 2008). A mobilidade dos migrantes africanos no país é ainda profundamente afectada pela lei de imigração chinesa. Adoptada em 1985, a Lei relativa ao „controlo da entrada e saída de estrangeiros“ não consegue dar uma resposta adequada à situação de pressão de imigração elevada com que a China actualmente se depara. A referida lei pune os estrangeiros sem visto válido com penas de prisão e os migrantes irregulares têm de pagar os custos de detenção, libertação e repatriação. Também se considera que este contexto legal tenha propiciado o aumento do mercado negro de vistos e da corrupção na polícia chinesa, cujos funcionários pedem frequentemente aos migrantes africanos que lhes dêem dinheiro quando os apanham sem documentos válidos (Østbø Haugen, 2012).

## 2. Migração extra-regional no Sul: Rotas para a América Latina e para as Caraíbas

Os padrões da migração Sul-Sul estão a emergir rapidamente na América Latina e nas Caraíbas, onde **se registou um número crescente de migrantes provenientes da Ásia e da África Subsariana nos últimos anos** (OIM, 2011). A percentagem de migrantes internacionais que vai para a América Latina para tentar chegar aos Estados Unidos ou ao Canadá é elevada, tendo também sido registado um número crescente de requerentes de asilo. De facto, **em 2010, entre 5% e 40% da totalidade dos pedidos de asilo em vários países da América Latina foram apresentados por cidadãos asiáticos e africanos** (ACNUR, 2010). A maioria dos migrantes africanos e asiáticos chega às costas da América do Sul, nomeadamente ao Brasil, à Colômbia e, em menor escala, à Argentina. Contudo, a migração de asiáticos e africanos para a América Central está a tornar-se mais frequente. O número de migrantes chegados à Costa Rica, ao El Salvador, ao México, à Nicarágua e ao Panamá aumentou consideravelmente nos últimos anos (CEAM-OEA, 2010a).

**Em 2010, entre 5% e 40% da totalidade dos pedidos de asilo em vários países da América Latina foram apresentados por cidadãos asiáticos e africanos**  
(ACNUR, 2010)

O fenómeno da migração extra-regional irregular para a América Latina foi definido como „novo e em crescimento“. A Eritreia, a Etiópia, a Nigéria e a Somália em África e a China, o Bangladesh e o Nepal na Ásia são considerados os principais países de origem (CEAM-OEA, 2010b)

Um ponto delicado destes maiores fluxos de migração é a sua irregularidade. Um **relatório da Comissão Especial sobre Assuntos de Migração da Organização dos Estados Americanos (OEA)**, publicado em 2010, definiu **o fenómeno da migração extraregional irregular para a América Latina como ‘novo e em crescimento’** e indicou a Eritreia, a Etiópia, a Nigéria e a Somália em África e a China, o Bangladesh e o Nepal na Ásia como os principais países de origem dos migrantes (CEAM-OEA, 2010b). Os motivos da escolha destes novos corredores de migração Sul-Sul estão frequentemente relacionados com as restrições das políticas de imigração europeias e com a proximidade dos Estados Unidos (CEAM-OEA, 2012a; Marcelino, 2012). É ainda de salientar que **a economia em expansão dos países da América Latina é cada vez mais atractiva para os migrantes laborais**. Por fim, **as sociedades da América Latina e das Caraíbas são frequentemente consideradas menos xenófobas e mais receptivas**, sobretudo pelos cidadãos africanos (The Miami Herald, 2009). Foram elaboradas respostas políticas em vários países para facilitar a protecção dos direitos humanos e sociais dos migrantes, embora sejam frequentemente registados casos de discriminação e de exclusão (OIM, 2011).

De acordo com os últimos dados disponíveis, o número de migrantes africanos a chegar à América Latina e às Caraíbas tem vindo a decair desde o segundo semestre de 2011. Em contrapartida, foi registado um aumento das chegadas de migrantes asiáticos à região (Trimiño/ACNUR, 2012).

### **Migração da Ásia para a América Latina e para as Caraíbas**

Nos últimos anos, chegaram à América Latina e às Caraíbas grandes grupos de migrantes provenientes do Sul da Ásia. Tal como as provas empíricas sugerem, **a presença de migrantes do Bangladesh, do Paquistão, do Nepal, do Sri Lanka e da China no Equador aumentou aproximadamente 300% entre 2008 e 2010**, de acordo com a *Dirección Nacional de Migración* do Equador (OIM,

2012). Provavelmente, estes dados foram profundamente influenciados pela política de migração de livre circulação<sup>9</sup> adoptada pelo governo equatoriano em 2008 e depois abolida em Setembro de 2010, mas **também foram registadas tendências semelhantes noutros países da região**. Nos primeiros meses de 2012, por exemplo, inúmeros migrantes da Índia e do Sri Lanka chegaram ao México através da Guatemala, uma escolha possivelmente influenciada pela moderação dos requisitos para a obtenção de visto neste país (Trimiño/ACNUR, 2012).

A proximidade com os Estados Unidos torna a América Central e as Caraíbas numa zona estratégica para movimentos de trânsito. Calcula-se que **a maioria dos migrantes irregulares que vão para as Caraíbas sejam cidadãos chineses**. Todos os anos, entram clandestinamente cerca de 200.000 cidadãos chineses na América Central e nas Caraíbas, através de organizações criminosas e redes organizadas, com o objectivo de chegarem aos Estados Unidos numa segunda fase (Thomas-Hope, 2002). Contudo, os nacionais de outros países do Sul da Ásia também estão a migrar para as Caraíbas. Em Aruba, por exemplo, de acordo com o censo 2000, o maior grupo de migrantes asiáticos provém das Filipinas, embora a imigração chinesa para a ilha tenha aumentado significativamente nos últimos anos (Eelens, 2005).

A presença cada vez maior de imigrantes chineses nas Caraíbas tem de ser vista no contexto da **crescente interacção económica entre a República Popular da China e a comunidade caribenha e o mercado comum (CARICOM)**. A China está a criar uma presença económica progressiva na região, com um investimento directo estrangeiro chinês de 8,6 mil milhões de dólares em 2009 (Bernal, 2010). Excluindo o caso da migração irregular e de trânsito, **podem ser encontradas muitas semelhanças entre os padrões da migração chinesa para África e para as Caraíbas**.

**Podem ser encontradas muitas semelhanças entre os padrões da migração chinesa para África e para as Caraíbas**

Muitos dos novos imigrantes chineses trabalham como comerciantes e proprietários de pequenas empresas ou como mão-de-obra temporária nas empresas chinesas contratadas pelos governos da região para a modernização de estradas ou para a construção de habitação social, no âmbito dos acordos

<sup>9</sup> Adoptada em 20 de Junho de 2008, a política de liberdade de visto universal adoptada pelo governo equatoriano permitiu entrar no país para uma estada turística de 90 dias sem necessidade de visto.

sino-caribenhos de apoio ao desenvolvimento. No Suriname, por exemplo, as lojas de chineses estão a espalhar-se por toda a parte e calcula-se que vivam actualmente cerca de 40.000 chineses no país, tanto regulares como indocumentados (The New York Times, 2011). A presença chinesa também está a aumentar na América Latina. **No Brasil, por exemplo, a comunidade chinesa é actualmente a sexta maior comunidade estrangeira no país.** Este facto deve-se ao desenvolvimento de alguns sectores estratégicos da economia brasileira (como o do têxtil, da agricultura e das TIC) atraírem migrantes laborais chineses e coreanos (OIM, 2012).

### **Migração de África para a América Latina**

Desde meados de 2000 que os **corredores de migração transatlântica** de África para a América Latina têm vindo a aumentar. Este fenómeno está associado a diversos factores que actuam em conjunto, incluindo o reforço do controlo das fronteiras nos Estados Unidos e na Europa depois do 11 de Setembro, a extensão e a porosidade das fronteiras marítimas e terrestres e a falta de capacidade dos Estados monitorizarem os migrantes irregulares e os que excedem o período de permanência do visto, juntamente com as políticas migratórias relativamente abertas dos países da América Latina (Marcelino e Cerrutti, 2011). De facto, embora o fluxo de entrada de migrantes africanos na região tenha começado no início da década de 1990, **considera-se que o ponto de viragem deste fenómeno ocorreu em 2006, especialmente no caso da Argentina,** que adoptou em 2004 uma lei de imigração bastante clemente e dois anos mais tarde uma lei geral sobre a reconhecimento e a protecção dos refugiados (Minvielle, 2010; Marcelino e Cerrutti, 2011).

**Os destinos predominantes da migração africana para a América Latina são o Brasil e a Argentina,** mas também foi registado um fluxo considerável de migrantes africanos noutros países da região, como por exemplo no Paraguai, no Panamá, no México e na Guatemala (Reuters, 2009; Marcelino e Cerrutti, 2011). Possivelmente, os migrantes africanos consideram a América Latina apenas uma etapa antes de chegarem ao destino final: os Estados Unidos ou o Canadá (Minvielle, 2010). A **escolha da Argentina e do Brasil como destinos nos projectos migratórios africanos** deve-se provavelmente, além da sua **posição geográfica**, ao seu **capital simbólico**, à sua **estabilidade socioeconómica** e à percepção de **oportunidades económicas** em combinação com uma lei de imigração menos agressiva do que noutros países. Outros incentivos específicos poderão ser, por um lado, o facto de a Argentina ser geralmente considerada como um país „ao estilo europeu“ e, por outro, o Brasil ser o segundo país do mundo em termos de população negra, com 65 milhões de descendentes



africanos (Marcelino e Cerrutti, 2011). Por fim, é de salientar que, **na alguns casos, os migrantes embarcam em portos africanos sem conhecerem o destino do navio**, especialmente quando fogem dos países de origem, como no caso dos nacionais da Serra Leoa, da Libéria e da Guiné, entre outros (Blanco, 2007; *La Nación*, 2009; *The Miami Herald*, 2010). Actualmente, os africanos constituem o maior grupo de refugiados no Brasil e calcula-se que vivam na Argentina mais de 3.000 migrantes africanos (Reuters, 2009).

**Os africanos que migram para a América Latina são essencialmente jovens do sexo masculino**, ao passo que **o número de mulheres varia muito consoante o país de origem**. São predominantemente cidadãos da África Ocidental -nomeadamente senegaleses e, em menor escala, nigerianos-, mas os migrantes dos Camarões, da Costa do Marfim, do Gana, da Guiné, da Libéria, do Mali, da República Democrática do Congo e do Zimbabué também seguem cada vez mais esta nova rota de migração (Marcelino e Cerrutti, 2011; OIM Buenos Aires, 2011). A Organização dos Estados Americanos (OEA) identifica a Eritreia, a Etiópia, a Nigéria e a Somália como os principais países de origem (CEAM-OEA, 2010b).

**Os migrantes africanos na América Latina são essencialmente jovens do sexo masculino, ao passo que o número de mulheres varia muito consoante o país de origem**

**A migração africana para a América Latina é, em muitos aspectos, heterogénea, designadamente no que respeita ao país de origem, à religião, à situação migratória, aos perfis educacionais e ao acesso à comunicação e aos transportes** (Maffia, 2010). A complexidade e a informalidade deste corredor de migração não permitem fazer uma clara distinção entre os migrantes documentados e os indocumentados. Assim, é apropriado falar de migrantes *heterogéneos*, reconhecendo razões diversas e sobrepostas para a migração (ACNUR, 2010).

Considera-se que **os migrantes africanos chegam à América Latina usando métodos diferentes e que geralmente chegam a solo brasileiro**. Uns chegam ao Brasil como passageiros clandestinos de cargueiros, outros com a cumplicidade da tripulação, outros ainda de avião. De um modo geral, é este o caso dos migrantes senegaleses, que tiram partido de um protocolo especial existente

**A rota mais comum liga Dacar (Senegal) a Fortaleza (Brasil), mas estão a surgir outras rotas e outros destinos migratórios**

entre o Senegal e o Brasil. A rota mais comum detectada até agora é a que liga Dacar (Senegal) a Fortaleza (Brasil), ou então Dacar/Cabo Verde/Fortaleza ou São Paulo. Considera-se que as redes organizadas, que facilitam a entrada dos migrantes africanos no Brasil dando-lhes apoio à chegada e durante a passagem da fronteira, estão a aumentar no Senegal (Marcelino e Cerrutti, 2011). Estes migrantes, que chegam por via marítima, são sobretudo menores não acompanhados (com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos) com baixos níveis de instrução. Enfrentam uma viagem de 17 a 21 dias escondidos no guincho, no porão ou na casa das máquinas de um cargueiro e desconhece-se o número dos que morrem antes de chegar à América (OIM, 2012). Também estão a surgir outras rotas e outros destinos migratórios. Alguns migrantes africanos vão primeiro para a África do Sul e depois transitam, através do Brasil, para o Peru, o Equador, a Venezuela ou a Colômbia. Foi também detectada uma rota internacional que liga a África do Sul ao Dubai e depois Moscovo a Havana (OIM, 2012).

Por razões ainda não claramente determinadas, **a maioria dos migrantes tende a continuar a sua viagem para a Argentina**. Considera-se que, nos últimos anos, entraram na Argentina aproximadamente 3.000 migrantes africanos, metade oriundos do Senegal, que atravessaram as extensas, porosas e raramente patrulhadas fronteiras do país, tanto por via terrestre como por via marítima (OIM, 2012). É este o caso da denominada *tripla frontera*, a fronteira natural entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina representada pelo rio Iguaçu, que é atravessado de noite pelos migrantes em velozes Zodiacs, provavelmente com a ajuda de redes de tráfico locais (Marcelino e Cerrutti, 2011).


**O nível de instrução da maioria dos africanos que chegam aos países da América Latina é geralmente mais elevado do que o dos migrantes asiáticos**, mas normalmente acabam por trabalhar no sector informal. Como o acesso legal ao mercado de trabalho é extremamente difícil, os migrantes africanos integram-se no mercado de trabalho informal trabalhando na produção de artesanato, em restaurantes e sobretudo como vendedores de rua (OIM, 2012). É ainda interessante verificar que **esta actividade está frequentemente associada à presença de empresários imigrantes asiáticos na região**, pois as jóias vendidas nos cruzamentos ou nas paragens de autocarro e nas estações de comboios são essencialmente chinesas ou sul-coreanas (Minvielle, 2010).


### 3. Conclusões: O caminho a seguir

Como assinalado neste documento, **a migração extraregional Sul-Sul é um fenómeno complexo com diferenças regionais significativas**. As ligações entre os países em desenvolvimento deverão aumentar nas próximas décadas -em grande parte devido à crescente importância dos países BRICS- e poderão confirmar os actuais e originar novos fluxos migratórios extraregionais Sul-Sul. É possível retirar algumas **conclusões-chave** dos casos analisados neste documento:

#### - **Falta de conhecimentos: Necessidade de melhores dados**

A Academia, os meios de comunicação social, as instituições e a opinião pública estão cada vez mais cientes do fenómeno da migração extraregional<sup>10</sup>, embora **os estudos sobre a matéria sejam praticamente inexistentes**. De facto, a literatura e a investigação académica e empírica disponíveis sobre os movimentos populacionais extraregionais Sul-Sul cingem-se a um número restrito de publicações, frequentemente centradas em nacionalidades ou corredores muito específicos. **São, por isso, necessárias análises exaustivas do fenómeno e bases de dados fidedignas, com números, origens, géneros e tipos dos migrantes extraregionais em países em desenvolvimento.**

 Um grande programa de investigação nos países africanos deveria ser para **monitorizar a migração laboral chinesa** através da recolha primária de dados sobre o seu nível, tipos e características (Mohan e Kale, 2007).

 A migração africana para a China é relativamente recente e a documentação académica sobre este assunto é extremamente reduzida (Østbø Haugen, 2012). Assim, a investigação quantitativa e qualitativa sobre esta tendência é extremamente aconselhável.

#### **Perguntas de investigação essenciais sobre a migração chinesa para África:**

- **Que dados governamentais existem sobre o número de imigrantes chineses em países africanos?**
  - **Quais as regiões de origem dos emigrantes chineses?**
  - **Onde é que os novos imigrantes chineses se estão a estabelecer e o que determina a sua escolha do local?**
- (Mohan e Kale, 2007)

<sup>10</sup> Consultar, por exemplo, a série de seminários sobre os fluxos migratórios de África para a Argentina organizados pela OIM Buenos Aires, em 2011. Para mais informações, consultar a hiperligação que se segue: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/media/press-briefing-notes/pbnAM/cache/offonce/lang/en?entryId=29411>.

**Inquérito sobre Fluxos migratórios extracontinentais nas Américas da Comissão Especial sobre Assuntos de Migração (CEAM) da Organização dos Estados Americanos (OEA)**

**Séminário sobre a Migração extracontinental nas Américas, CEAM-OEA, ACNUR e OIM, Washington D.C., Abril de 2010  
CEAM-OEA**

**Séminário sobre os Novos desafios da gestão da migração nas Américas, Washington D.C., 8 de Maio de 2012**

**Séminário sobre o Desenvolvimento e aspectos políticos e institucionais da migração entra a África, a Europa e a América Latina e as Caraíbas, CEPAL, CEE-ONU e UNECA, 22-23 de Setembro de 2011**




O fenómeno emergente de migração extraregional para a América Latina e para as Caraíbas é digno de mais estudos. Nos últimos anos, a **Organização dos Estados Americanos (OEA) promoveu debates e inquéritos sobre as tendências da migração extraregional para a América Latina** com o objectivo de «analisar os antecedentes, a magnitude e o impacto dos fluxos migratórios irregulares extracontinentais, trocar experiências sobre as respostas dos vários países e organizações internacionais a este tipo de fluxos irregulares a partir de dentro e de fora da região e promover o diálogo e a cooperação sobre a matéria entre os Estados-Membros da Organização». As novas tendências migratórias entre a África e a América Latina foram igualmente discutidas no quadro do **séminário inter-regional sobre o “Desenvolvimento e aspectos políticos e institucionais da migração entra a África, a Europa e a América Latina e as Caraíbas”** organizado pela Comissão Económica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas (CEE/ONU) e a a Comissão Económica para a África das Nações Unidas (UNECA) em Setembro 2011. O séminário promoveu o debate sobre as dinâmicas da migração entra a África, a Europa e a América Latina e as Caraíbas com especial ênfase nos direitos humanos e no desenvolvimento (CEPAL, 2012).<sup>11</sup>


---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre o séminário “*Examining development, institutional and policy aspects of migration between Africa, Europe and Latin America and the Caribbean*”, consultar: [http://www.cepal.org/cgibin/getProd.asp?xml=/celade/agenda/9/44329/P44329.xml&xsl=/celade/tpl/p3f.xsl&base=/celade/tpl/top-bottom\\_dam.xsl](http://www.cepal.org/cgibin/getProd.asp?xml=/celade/agenda/9/44329/P44329.xml&xsl=/celade/tpl/p3f.xsl&base=/celade/tpl/top-bottom_dam.xsl) e [http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/8/46188/W\\_InternationalMig\\_FINAL.pdf](http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/8/46188/W_InternationalMig_FINAL.pdf).

- **Promover políticas migratórias que incluam os novos fluxos migratórios extraregionais**

A crescente migração extraregional Sul-Sul acarreta **novos desafios para os países de destino**, que incluem a **falta de serviços e de estruturas** que dêem resposta às necessidades dos migrantes, a **falta de intérpretes** e a **ausência de missões diplomáticas** dos países de origem (CEAM-OEA, 2010a). Muitos países em desenvolvimento consideram-se apenas países de emigração, sendo dada pouca atenção às necessidades e aos direitos dos imigrantes. Em contrapartida, **existe uma necessidade premente de desenvolver as capacidades dos Estados para que sirvam eficazmente os interesses destes fluxos migratórios emergentes**.

 A **consciência dos decisores políticos** relativamente aos padrões dos fluxos migratórios extraregionais Sul-Sul deveria ser aumentada através de **oficinas de trabalho e partilha de conhecimentos**.

 Os países de destino emergentes da migração extraregional deveriam desenvolver **enquadramentos legais adequados** para gerir eficazmente os **desafios legais, políticos e humanitários** relacionados com estes novos fluxos migratórios (Østbø Haugen, 2012).


 O **diálogo inter e intra-regional** sobre esta questão deveria ser **reforçado**. As políticas de imigração dos Estados africanos relativas à migração chinesa deveriam ser coordenadas ao nível regional (Mohan e Kale, 2007), ao passo que os debates sobre a migração africana para a China deveriam ser incluídos na agenda sino-africana. Deveria ainda reforçar-se o diálogo entre os Estados da América Latina e de África (Marcelino e Cerrutti, 2011).


**A Argentina pôs recentemente em prática um programa de regularização para melhorar a inserção e a integração dos irregulares de origem estrangeira** (Marcelino e Cerrutti, 2011)


**A política migratória argentina facilita a protecção dos direitos sociais e humanos dos migrantes, incluindo o acesso a residência legal, aos cuidados de saúde e à educação.**


**Em 2010, o Panamá amnistiou todos os migrantes irregulares a residir no país por um período superior a dois anos. Mais de 20.000 migrantes beneficiaram do programa *Panamá, Crisol de Razas*** (IOM, 2011)


**A Igreja Católica está a desempenhar um importante papel em relação à integração dos migrantes africanos nas sociedades locais, proporcionando-lhes apoio em termos de cuidados de saúde e dando-lhes aulas de espanhol gratuitas (CEAM-OEA, 2010a)**

 O objectivo dos governos deveria consistir em garantir a **protecção dos direitos humanos** dos migrantes, extraregionais ou outros. No caso dos requerentes de asilo, os procedimentos para a determinação do estatuto de refugiado e o **princípio de non-refoulement** deveriam ser respeitados (Trimiño/ACNUR, 2012).

 A **integração** nas sociedades de acolhimento deveria ser apoiada através da adopção de **políticas de asilo e de migração adequadas** e da promoção de **acordos de trabalho bilaterais** com os países de origem para incentivar a correspondência das competências aos trabalhos.

 A assistência e a protecção a migrantes temporários e não extra-continentais deveriam ser garantidas, incluindo **o acesso a abrigo, comida, serviços de saúde, educação e protecção legal** (FLACSO, 2011).

 Devido a factores como a língua, a cor da pele, a cultura e os hábitos, os migrantes extraregionais poderão ter de enfrentar uma situação de maior vulnerabilidade em comparação com os migrantes regionais. Os funcionários das instituições legislativas e os funcionários dos países de destino em contacto directo com os migrantes extraregionais deveriam, então, receber formação para **fazer face às necessidades específicas dos migrantes de forma eficaz** (FLACSO, 2011).

 **Os mediadores culturais** e **os intérpretes** deveriam receber formação e deveriam ser organizadas **campanhas nacionais de integração** com o objectivo de sensibilizar as sociedades de acolhimento (Marcelino e Cerrutti, 2011).

#### 4. Referências e documentação adicional

##### **Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)**

- 2010 'African and Asians attracted to Latin America as a migration route', 10 de Novembro de 2010. <http://www.unhcr.org/4cdacd4c6.html>.

##### **Baeninger, R. e R. Guimarães Peres**

- 2011 'Refugiados africanos em São Paulo, Brasil: espaços da migração', Revista Internacional em Língua Portuguesa n. 24 - Migrações, Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), 2011.

##### **Bernal, R.L.**

- 2010 'The Dragon in the Caribbean: China-CARICOM economic relations', *The Commonwealth Journal of International Affairs*, 99:408, 2010: 282-302.

##### **Bertoncello, B. e S. Bredeloup**

- 2007 'De Hong Kong à Guangzhou, de nouveaux "comptoirs" africains s'organisent', *Perspectives Chinoises*, Vol.1, 2007. <http://perspectiveschinoises.revues.org/2053?id=2053#text>.
- 2009 'Chine-Afrique ou la valse des entrepreneurs migrants', *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 25(1): 45-70.

##### **Blanco, P.**

- 2007 'Contingency, catastrophe and subjectivity in the African stowaways arriving in Argentina', *Revista Escuela de Historia*, Vol. 1 (6): 181-193. <http://www.scielo.org.ar/pdf/reh/n6/n6a10.pdf>.

##### **Bodomo, A.**

- 2010 'The African trading community in Guangzhou: an emerging bride for Africa-China relations', *The China Quarterly*, 203(4): 693-707. [www.hku.hk/linguist/staff/ChinaQuarterlySubmission2009ResearchPaper.doc](http://www.hku.hk/linguist/staff/ChinaQuarterlySubmission2009ResearchPaper.doc).

**Bristow, M.**

- 2007 'China's long march to Africa', BBC News, 29 de Novembro de 2007. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7118941.stm>.

**Chen, S.**

- 2007 'Landless farmers Urged to Migrate to Africa', South China Morning Post, 19 de Setembro de 2007. <http://asianfanatics.net/forum/topic/444551-landless-farmers-urged-to-migrate-to-africa/>.

**Coloma, T.**

- 2010 'L'improbable saga des Africains en Chine', *Le Monde Diplomatique*, 1 de Maio de 2010. <http://www.monde-diplomatique.fr/2010/05/COLOMA/19133>.

**Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)**

- 2012 'International migration from a regional and interregional perspective', ECLAC, Santiago do Chile, 2012. [http://www.cepal.org/publicaciones/xml/8/46578/wDAProject\\_final.pdf](http://www.cepal.org/publicaciones/xml/8/46578/wDAProject_final.pdf).

**Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) – Clube do Sahel e da África Ocidental (CSAO)/ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE)**

- 2006 'Africa and China', Atlas on regional Integration in West Africa, 2006. [http://www.oecd.org/document/0/0,3746,en\\_2649\\_37429\\_38409344\\_1\\_1\\_1\\_1,00.html](http://www.oecd.org/document/0/0,3746,en_2649_37429_38409344_1_1_1_1,00.html).

**De Haas, H.**

- 2007 'The myth of invasion – Irregular migration from West Africa to the Maghreb and the European Union', International Migration Institute, Outubro de 2007. <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/Irregular%20migration%20from%20West%20Africa%20-%20Hein%20de%20Haas.pdf>.



**Departamento dos Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas (DAES)/Divisão da População**

- 2012 'Migrants by origin and destination: the role of South-South migration', 2012. [http://www.un.org/esa/population/publications/popfacts/popfacts\\_2012-3\\_South-South\\_migration.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/popfacts/popfacts_2012-3_South-South_migration.pdf).

**Eelen, F. et al.**

- 2005 'The land of milk and honey? Recent migration to Aruba', *Regional and inter-regional migration in the Caribbean and its impact on sustainable development: Compendium on recent research on migration in the Caribbean*. <http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/3/23203/l.61.pdf>.

**Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) - Organização Internacional para as Migrações (OIM)**

- 2011 'Assessment of the Current Situation, Trends, and Protection and Assistance Needs of Extracontinental Migrants and refugees in Mexico and Central America', Latin American School of Social Sciences, 2011. <http://www.rcmvs.org/documentos/investigacion/FLACSO%20%20Diagnostico%20flujos%20extraregionales%20-%20Eng.pdf>.

**Feline Freirer, L.**

- 2012 'Crossing the Atlantic in search of new destinations: The motivations of contemporary African Migrants to Latin America', 2012 Congress of the Latin America Studies Association, San Francisco, Califórnia, 23-26 de Maio de 2012. <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2012/files/24049.pdf>.

**Fowale, T.**

- 2008 'The long road to the east: African immigrants in China', *American Chronicle*, 3 de Janeiro de 2008. <http://www.afroshanghai.com/forums/index.php?topic=1586.0:wap2>.

**Gong, S.**

- 2007 'Chinese Workers in Africa', document de trabalho, <http://www.international.ucla.edu/media/files/80.pdf>.

**Henao, L.A.**

- 2009 'African immigrants drift towards Latin America', Reuters, 15 de Novembro de 2009. <http://www.reuters.com/article/2009/11/16/us-africansidUSTRE5AF0AG20091116>.
- 2010 'More African immigrants finding a home in Latin America', The Miami Herald, 25 de Janeiro de 2010. <http://yaleglobal.yale.edu/content/more-african-immigrants-finding-home-latin-america>.

**Kelly, B. e A. Jawadurovna Wadud**

- 2011 'Asian labour migrants and humanitarian crises: lessons from Lybia', International organization for Migration and Migration Policy Institute, Bangkok and Washington D.C., Julio de 2012. <http://www.migrationpolicy.org/pubs/LibyanMigrationCrisis.pdf>.

**La Nación**

- 2009 'Africa en Buenos Aires', La Nación, 25 de Abril de 2009. <http://www.lanacion.com.ar/1121658-africa-en-buenos-aires>.

**Li, Z., L.J.C. Ma e D. Xue**

- 2009 'An African enclave in China: the making of a new transnational urban space', *Eurasian Geography and Economics*, Vol. 50(6): 699-719.

**Liberti, S.**

- 2008 'A sud di Lampedusa', Minimum Fax, Roma, 2008.

**Lyons, M., A. Brown e Z. Li**

- 2008 'The "third thiere" of globalization: African traders in Guangzhou', *City: Analysis of Urban trends, Culture, Theory, Policy, Action* Vol. 12(2):196-206

# Maffia, M.

- 2010 Una contribución al estudio de la nueva inmigración africana subsahariana a la argentina', *Cuadernos de la Antropología Social*, Vol. 31: 7-32, 2010. <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n31/n31a01.pdf>

# Ma Mung, K.E

- 2009 'Diaspora et migrations chinoises', *L'Enjeu mondial. Les migrations*, Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris, 2009

# Marcelino P.F. e M. Cerrutti

- 2011 'Recent African immigration to South America: the cases of Argentina and Brazil in the regional context', Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), Séminario inter-regional sobre o 'Desenvolvimento e aspectos políticos e institucionais da migração entra a África, a Europa e a América Latina e as Caraíbas', Genebra, 22-23 de Setembro de 2011. [http://www.cepal.org/celade/noticias/documentosdetrabajo/5/44525/DDR\\_1\\_Marcelino-Cerrutti.pdf](http://www.cepal.org/celade/noticias/documentosdetrabajo/5/44525/DDR_1_Marcelino-Cerrutti.pdf).

# Marcelino P.F.

- 2012 'From Africa to Buenos Aires – At the Forefront of a new Migration Nexus?', BuamaAfrican Contemporary Culture, 12 de Junio de 2012. <http://www.buala.org/en/to-read/from-africa-to-buenos-aires-at-the-forefront-of-a-new-migratory-nexus>.

# Mena Erazo, P.

- 2010 'Ecuador: crece el flujo de inmigrantes surasiáticos', BBC Mundo, 31 de Agosto 2010. [http://www.bbc.co.uk/mundo/america\\_latina/2010/08/10082\\_ecuador\\_inmigrantes\\_asia\\_pea.shtml](http://www.bbc.co.uk/mundo/america_latina/2010/08/10082_ecuador_inmigrantes_asia_pea.shtml).

**Minvielle, R.**

- 2010 'Migrations Africaines et mondialisation pas le bas à Buenos Aires', International Migration Institute, University of Oxford. Documento preparado para o African Migration Workshop sobre a contribuição dos investigadores africanos à teoria da migração, Dacar, 16-19 de Novembro de 2010. <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/african-migrations-workshops/migrations-africaines-et-modialisation-par-le-bas-a-buenos-aires>.

**Mohan, G. e Kale, D.**

- 2007 'The invisible hand of South-South globalization: Chinese migrants in Africa', Report for the Rockefeller Foundation, The Open University, Outubro de 2007. [http://asiandrivers.open.ac.uk/documents/Rockefeller%20Report%20on%20Chinese%20diasporas%2010th%20Oct%20\\_3\\_.pdf](http://asiandrivers.open.ac.uk/documents/Rockefeller%20Report%20on%20Chinese%20diasporas%2010th%20Oct%20_3_.pdf).

**Mohan, G. e Tan-Mullins, M.**

- 2009 'Chinese Migrants in Africa as New Agents of Development? An analytical Framework', *European Journal of Development Research*, Vol. 21(4): 588-605. <http://asiandrivers.open.ac.uk/Mohan%20final%20edit%20-%20April%202009.pdf>.

**Mung, M.E.**

- 2008 'Chinese migration and China's foreign policy in Africa', *Journal of Overseas Chinese* 4: 91-109.

**Naujoks, D.**

- 2009 'Emigration, Immigration and Diaspora Relations in India', Migration Information Source, Migration Policy Institute, Outubro de 2009. <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?ID=745>.

**Organização dos Estados Americanos/Comissão Especial sobre Assuntos de Migração**

- 2010a 'Extra-Regional illegal migration in the Americas', Secretariat Background document, 22 de Março de 2010. [http://scm.oas.org/doc\\_public/ENGLISH/HIST\\_10/CP23971E07.doc](http://scm.oas.org/doc_public/ENGLISH/HIST_10/CP23971E07.doc).

- 2010b 'Flujos Migratorios Extra-Continentales en las Américas. Resultados de la Encuesta', 6 de Abril de 2010. [http://www.sedi.oas.org/ddse/documentos/mide/reunion\\_abril/Resultados%20de%20la%20encuesta%20-%20Araceli%20Azuara.pdf](http://www.sedi.oas.org/ddse/documentos/mide/reunion_abril/Resultados%20de%20la%20encuesta%20-%20Araceli%20Azuara.pdf).
- 2010c 'Migración extracontinental en las Américas. Memoria', 6 de Abril de 2010. <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/7402.pdf?view=1>.

### **Organização Internacional para as Migrações (OIM)**

- 2009 'Migration in Nigeria: A Country Profile 2009', IOM, Geneva, 2009.
- 2011 'World Migration Report 2011', IOM, Geneva, 2011. [http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2011\\_English.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2011_English.pdf)
- 2012 'Migraciones extrarregionales en Sudamérica. Una aproximación a las características de los flujos de migrantes africanos y asiáticos', OIM, 2012, *pendente de publicação*.

### **Østbø Haugen, H.**

- 2012 'Nigerians in China: A second state of immobility' in *International Migration*, Vol. 50 (2):65-80, Organização Internacional para as Migrações, 2012.

### **Politzer, M.**

- 2008 'China and Africa: Stronger economic ties mean more migration', Migration Information Source, Migration Policy Institute, 8 de Agosto de 2008. <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?ID=690>.

### **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)**

- 2009 'Human Development Report 2009: Overcoming barriers: Human Mobility and Development', Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, New York, 2009. [http://hdr.undp.org/en/media/HDR\\_2009\\_EN\\_Complete.pdf](http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_EN_Complete.pdf).

**Ratha, D. e W. Shaw**

- 2007 'South-South Migration and Remittances', Development Prospects Group, Banco Mundial, Washington, D.C., <http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/South-SouthmigrationJan192006.pdf>.

**Rennie, N.**

- 2008 'The lion and the dragon: African experiences in China', *Journal of African Media Studies* Vol. 1(3): 370-414, 2009.

**Romero, S.**

- 2011 'With aid and migrants, China expand its presence in a South American Nation', The New York Times, 10 de Abril de 2011. <http://www.nytimes.com/2011/04/11/world/americas/11suriname.html>.
- 2012 'Brazil gains business and influence and it offers aid and loans in Africa', The New York Times, New York, 7 de Agosto de 2012. <http://www.nytimes.com/2012/08/08/world/americas/brazil-gains-in-reaching-out-to-africa.html?smid=fb>.

**Sautman, B.**

- 2006 'Friends and interests: China's distinctive links with Africa', document de trabalho No. 12, Center on China's transnational relation, Hong Kong University of Science and Technology.

**Skeldon, R.**

- 2011 'China: An emerging destination for Economic Migration', Migration Information Source, Migration Policy Institute, Maio de 2011. <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?ID=838>.

**Thomas-Hope, E.**

- 2002 'Irregular Migration and Asylum seekers in the Caribbean', UNU/WIDER Conference on Poverty, International Migration and Asylum, 27-28 de Setembro de 2002, Helsinki, Finland. [http://www.wider.unu.edu/publications/working-papers/discussion-papers/2003/en\\_GB/dp2003-048/](http://www.wider.unu.edu/publications/working-papers/discussion-papers/2003/en_GB/dp2003-048/).

- 2002 'Human Trafficking in the Caribbean and the Human Rights of Migrants', University of West Indies, Mona, Jamaica.  
<http://www.eclac.org/celade/noticias/paginas/2/11302/Thomas-Hope.pdf>.

**Tourinho Baptista, D.M.**

- 2008 'Migração na metrópole: o caso dos angolanos em São Paulo', XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais background paper, Caxambu (Brazil), 29 de Setembro - 3 de Outubro de 2008. [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008\\_1070.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1070.pdf)

**Trimiño, D.**

- 2012 Apresentação das tendências regionais dos movimentos migratórios mixtos e das respostas do ACNUR, Séminario sobre os 'Novos desafios da gestão da migração nas Américas', Organização dos Estados Americanos Comissão Especial sobre Assuntos de Migração (CEAM-OEA), Washington D.C., 8 de Maio de 2012. [http://scm.oas.org/doc\\_public/ENGLISH/HIST\\_12/CP28855E07.doc](http://scm.oas.org/doc_public/ENGLISH/HIST_12/CP28855E07.doc).

**Tshimbambe, G.N.**

- 2010 'Maliens et Chinois dans une ville postcoloniale': essai sur la (non-)mixité sociale et l'entrepreneuriat ethnique. Cas de la ville de Lubumashi (RD Congo)', International Migration Institute, University of Oxford, *African Migration Workshop on the contribution of African Researcher to migration theory*, Dakar, 16-19 de Novembro de 2010

**Zang, L.**

- 2008 'Ethnic congregation on a globalizing city: the case of Guangzhou, China' in *Cities* Vol. 25 (6):383-395, 2008

**Zubrzycki, B e S. Agnelli**

- 2009 'Allá en África, en cada barrio por lo menos hay un senegalés que sale de viaje: la migración senegalesa en Buenos Aires', *Cuadernos de la Antropología Social*, Vol. 29: 135-152, 2009

África Central  
 África Austral  
 Caribeas  
 desenvolvimento  
 República Democrática do Congo  
 estatísticas  
 África Ocidental  
 Timor-Leste  
 formação  
 saúde  
 Haiti  
 base de dados  
 diásporas  
 direitos  
 Pacífico  
 gênero  
 remessas  
 Trindade e Tobago  
 África Oriental  
 trabalho  
 Senegal  
 Sul-Sul  
 Camarões  
 tráfico de pessoas  
 deslocamento  
 urbanização  
 Papua Nova Guiné  
 integração  
 Quênia  
 Meio ambiente  
 Lesoto  
 Observatório migração

## Observatório ACP das Migrações

20, rue Belliardstraat (7º andar)

1040 Bruxelas - Bélgica

Tel.: +32 (0)2 894 92 30 - Fax: +32 (0)2 894 92 49

ROBrusselsACP@iom.int - [www.acpmigration-obs.org](http://www.acpmigration-obs.org)



Uma iniciativa do Secretariado ACP, financiada pela União Europeia,

implementada pela IOM e com o apoio financeiro da Suíça, da OIM, do Fundo da OIM para o Desenvolvimento e do UNFPA

